

## **NO ENCONTRO DO REAL DO CORPO COM O REAL DA HISTÓRIA**

Luciana Iost Vinhas<sup>1</sup>

Quando Pêcheux & Fuchs (1997 [1975]) apresentaram, em 1975, o quadro epistemológico geral do empreendimento da Análise do Discurso (AD), surgiram efeitos incontornáveis a partir da inscrição (de certo modo) da teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) como responsável por atravessar e articular as três regiões do conhecimento científico já tão bem conhecidas pelos estudiosos dessa área. Tomaremos essa “teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” como baseada, principalmente, no desenvolvimento teórico de Jacques Lacan, conforme pode ser observado nas referências feitas por Pêcheux ao longo de seus textos (cf. BALDINI, 2014).

Com base nisso, antes de prosseguirmos com os pressupostos da AD, é importante remontar ao surgimento da teoria psicanalítica, quando Freud percebeu a relação interdependente entre somático e psíquico na constituição do indivíduo, o que se deu quando da análise clínica das mulheres compreendidas como histéricas. O corte epistemológico promovido pela Psicanálise freudiana possibilitou a emergência de questionamentos acerca da relação entre corpo e inconsciente, os quais não podem ser foracluídos da teoria materialista da linguagem dado o caráter basilar que nela possui a abordagem psicanalítica.

Ainda neste breve retorno a Freud, mencionamos que o corpo, então, figura como causa e como efeito da subjetividade, posto estar relacionado intimamente ao conceito de pulsão. Por conseguinte, a pulsão, enquanto conceito-limite entre o somático e psíquico, tem o corpo como sua fonte e como sua finalidade (cf. FERNANDES, 2003).

Então, é com isso que não podemos compreender a teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) como alheia à relação do sujeito com a pulsão, posto que

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

é a partir dela que o sujeito se subjetiva, diretamente vinculado ao corpo. Avançando um pouco nesse ponto, podemos relacionar a teorização de Freud à de Lacan, fazendo referência ao conceito que se desdobra a partir da pulsão de morte freudiana, ou seja, ao gozo, e, conseqüentemente, ao Real. O Real é, como se sabe, “o impossível”, que não cessa de não se inscrever. Isso significa que o Real sempre falha no seu processo de inscrição. A falha conduz à repetição, e é essa repetição que representa o gozo e mantém o próprio do sujeito enquanto um espaço intervalar entre significantes, posto que a inscrição lhe é barrada. Sendo assim, “esse movimento, ligado à busca da coisa perdida que falta no lugar do Outro, é causa de sofrimento; mas tal sofrimento nunca erradica por completo a busca do gozo” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 300), enquanto exagero que se produz a partir da economia de satisfação. Em outras palavras, o gozo é a força vinculada à repetição com vistas à extração de uma satisfação adicional.

Gozo e Real estão intimamente ligados na medida em que a insistência do gozo, da busca de uma satisfação adicional via repetição que gera sofrimento, faz reverberar algo do Real que não se inscreve, e é nesse sentido que se enlaçam corpo, Real e gozo. Segundo Soler (2010), o sintoma pode ser compreendido como um modo de gozar; sendo assim, “no sintoma, os significantes, aqueles que deciframos, são significantes que tomaram corpo, que são gozados pela via de sua encarnação” (op. cit., p. 13). Contudo, ao não ser possível a inscrição do Real em uma arquitetura signifiante ou forma (cf. SOLER, 2010), é que nós nos deparamos com ele, damos de encontro com ele, o encontramos (PÊCHEUX, 2006).

Aqui é que conseguimos estabelecer o elo entre a Psicanálise e a Análise do Discurso. Primeiramente, temos que o ser humano, como ser falante, “não vive seu corpo como um organismo natural, mas como parte de sua subjetividade” (BALDINI & SOUZA, 2012, p. 70); em segundo lugar; “o sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação” (HENRY, 1992, p. 188-189); finalmente, ao se assumir que corpo e linguagem são constitutivos da subjetividade, lembramos que a ideologia também a constitui. Concluimos, então, que algo daquilo que não cessa de não se inscrever também deve ter relação com a ideologia, posto que o sujeito é diretamente afetado por ela

no processo de subjetivação. Assim, temos a noção de equívoco da Análise do Discurso, a qual lança luz sobre a relação entre língua e história pelo viés daquilo que é da ordem do impossível. O que faremos em seguida é falar sobre a relação entre corpo e história por esse mesmo viés, após refletirmos um pouco sobre a noção de equívoco.

Na AD, consideramos que o equívoco é da ordem do não previsível na regularidade das formações discursivas (aquilo que *pode* e *deve* ser dito, produzindo, portanto, o que não pode e não deve ser dito, ou seja, o interdito); é um fato estrutural implicado pela ordem do simbólico, evidenciando que todo ritual possui falhas, e que todo sujeito é sempre possível de tornar-se outro. Voltamos, com isso, à teorização de Gadet & Pêcheux (2004) sobre o equívoco, dizendo se tratar do “ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história” (p. 64). Em outras palavras, o encontro entre o real da língua (o impossível linguístico) e o real da história (a contradição) instaura o equívoco, e essa irrupção afeta o real da história.

Temos, então, o equívoco no encontro entre o real da história e o real do corpo. Conforme Ferreira (2011), o corpo que falta e o corpo que fala levariam à relevância desta noção. O real do corpo atuaria junto com o real da língua (a falha) e com o real do sujeito (o inconsciente). Nesse sentido, o real do corpo seria compreendido como “*o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste*” (p. 95 [grifos da autora]). Ainda para a autora, a banda de Moebius pode representar o entrelaçamento e a interdependência entre corpo e palavra: há efeitos do corpo na palavra, bem como há efeitos da palavra no corpo (tendo em vista que estão unidos pela pulsão). Corpo, palavra, discurso e sujeito possuem um furo constitutivo, o que permite a emergência das falhas no ritual de interpelação ideológica. O furo é o que possibilita a resistência (cf. FERREIRA, 2011).

Provocaremos um desdobramento da noção de equívoco ao se ter como referência a relação entre corpo e subjetividade conforme já exposta, e, para tal, traremos uma reflexão sobre o piercing como uma possibilidade de inscrição que produz efeitos de equivocidade através do real do corpo. Analisamos a fala de uma

apenada da Penitenciária Feminina Madre Pelletier quando questionada sobre o piercing que possuía em sua língua. Ela diz que sempre teve vontade de colocar um piercing; no entanto, não se encorajara para fazê-lo antes de ser presa. Foi na Penitenciária que teve motivação para, com a ajuda de outras apenadas, realizar essa incisão/inscrição em sua língua, em seu corpo.

Seria o piercing o efeito de um investimento ideológico? Ou estaria essa joia relacionada a efeitos do Real no corpo do sujeito? No conflito entre ideologia e inconsciente, o sujeito se subjetiva e, através do corpo, é possível que surja o equívoco a partir do encontro entre o real da história e o real do corpo. Em um espaço sem esterilização, a apenada foi capaz de tomar coragem e provocar sua constituição subjetiva no sentido de se singularizar. A interdição exterior à instituição penal se materializa contraditoriamente em seu interior, tomando corpo através da inscrição do piercing em seu corpo.

Quanto às tatuagens e aos piercings, Orlandi (2004) refere que o corpo poderia ser visto como um texto, ou seja, “o corpo é o lugar material em que acontece a significação, lugar de inscrição, manifestação de grafismo. Pintura. Texto” (p. 121), sendo que o piercing, especificamente, considerado como talhe de significação da própria carne. Tanto a tatuagem quanto o piercing seriam gestos de interpretação postos no próprio corpo, os quais significariam como uma pintura, um grafismo. Além disso, Orlandi (2004) ainda menciona que o piercing e a tatuagem seriam uma forma de metaforização do próprio sujeito em busca de uma unidade, no mesmo sentido de que o texto possui um começo, um meio e um fim imaginários. Essas duas inscrições simbólicas no corpo seriam tentativas de realizar uma pontuação, um fechamento impossível, na inacessibilidade de algo interior pela vontade de transparência (ilusória).

Orlandi (op. cit.) também menciona dois aspectos discursivos importantes no que tange ao piercing e à tatuagem: “de um lado, a tentativa (vã) de enquadrar o corpo em seus limites, de outro, agora voltado para fora, o da denúncia de um mal estar simbólico em seu confronto com o político, uma forma de reivindicação” (p. 124). O corpo se transforma em denúncia de que o confronto simbólico com o político está colocando problemas. Trata-se de um excesso do sujeito no sujeito:

“transbordamento de um excesso de linguagem o tempo todo visível sobre o sujeito, que passa à necessidade de um excesso de marcas visíveis em si mesmo” (op. cit., p. 126).

Interpretamos que esse “algo que transborda” é da ordem do Real, o qual ganha corpo no somático, metaforizando algo que existe enquanto um intervalo, inapreensível e impossível. O piercing na língua pode ser compreendido como equívoco, encontro do real do corpo e real da história, efeito de uma repetição que não encontrava suporte fora da prisão.

Desse modo, com base no citado anteriormente, apresentamos a sequência discursiva recortada da fala da apenada:

(SD) eu sempre quis botá na rua nunca tive coragem na rua que é né eles esterilizam um monte de coisa daí eu vi umas guria botando aí eu digo ah eu vou botá também... e coloquei

Mesmo sem ter garantias de higiene dos utensílios utilizados para a perfuração da língua, tampouco da joia utilizada, a apenada confiou nas outras mulheres e permitiu que lhe fosse colocado o piercing na língua. Se fora da prisão existia uma interdição, dentro da prisão esta interdição não existe mais, apesar das condições nas quais o piercing tinha sido colocado, pois, na rua, “eles esterilizam um monte de coisa”, isto é, na prisão isso não acontece. Na rua, a esterilização não ocorre somente no objeto e nos materiais utilizados na colocação da joia; parece que a esterilização deriva para a própria identificação do sujeito, ou seja, ao se subjetivar na Formação Discursiva da Justiça<sup>2</sup>, seu corpo deve permanecer normatizado, limpo, sem qualquer inscrição que o singularize. Essa normatização vai ao encontro do mencionado por Pêcheux (2006):

a necessidade universal de um “mundo semanticamente normal” começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (e antes de tudo com a distribuição de bons e maus objetos, arcaicamente figurados pela disjunção entre alimento e excremento) (p. 34).

---

<sup>2</sup> Em Vinhas (2014), duas formações discursivas principais são identificadas a partir da análise do corpus: a Formação Discursiva da Justiça e a Formação Discursiva da Criminalidade.

A identificação deriva na forma de uma posição-sujeito diferente. Ao colocar o piercing, a apenada provoca um acontecimento enunciativo no interior da formação discursiva. O piercing funciona como materialidade que permite essa movimentação nas regularidades da formação discursiva, afetando a FD pelo viés daquilo que é próprio da subjetividade, enquanto sintoma, marca da singularidade, efeito do gozo. Tomamos que o piercing seria colocado pela apenada como um efeito do real do corpo. Se o equívoco é o encontro entre o real da língua com o real da história, o piercing também materializa uma contradição na forma como a apenada se subjetiva. Desse modo, há um equívoco que não se materializa na materialidade linguística, mas, sim, na materialidade corpórea: o real do corpo toca o real da história (contradição), isto é, o impossível de ser simbolizado surge como equívoco.

Discursivamente, há um efeito que pode ser observado sobre a relação entre o sujeito e o corpo. No que diz respeito à relação com a ideologia, verificamos que a interpelação do indivíduo em sujeito falha, pois a apenada não mais reproduz a interdição que lhe era operada quando era sujeito-de-direito fora da prisão. Existe uma brecha que permite que ela *não se reconheça “da sociedade”*, ou seja, que ela se veja como apenada, e é em função dessa brecha que ela consegue colocar o piercing. Quando se reconhece como presa, ocorre a deriva e a possibilidade de emergência de um sentido não previsto no funcionamento da Formação Discursiva da Justiça.

Como disse a apenada, o piercing foi colocado dentro da Penitenciária. A própria apenada furou sua língua com uma agulha de crochê, enquanto outras mulheres seguravam um pedaço de maçã para que a agulha pudesse atravessar. Colocar o piercing parece ter sido um dos momentos em que a apenada conseguiu conviver com as outras mulheres presas. As outras mulheres se inscrevem no corpo da apenada através do piercing na sua língua, e aqui está o encontro do real da história com o real do corpo. Conforme Kehl<sup>3</sup>, “o sintoma como meio de gozo é o

---

<sup>3</sup> O texto de Maria Rita Kehl a que se faz referência concerne a uma palestra da autora em um evento. No entanto, não foi possível localizar as outras informações necessárias para a referência bibliográfica, pois não se tem o ano em que essa palestra ocorreu, tampouco o lugar. Sabe-se que o título do texto é “O sintoma no laço social contemporâneo”.

modo como o real se impõe. No laço social, tudo que a cultura não possibilita simbolizar, vai emergir em ato” (p. 04).

## REFERÊNCIAS

BALDINI, Lauro José Siqueira. A Análise de Discurso e « uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) ». *Letras*, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 117-129, jan./jun. 2014.

\_\_\_\_\_; SOUZA, Levi Leonel de. Os sentidos tomando corpo. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de. (Org.) *Sujeito, corpo, sentidos*. Curitiba: Appris, 2012.

FERNANDES, Maria Helena. *O corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O discurso do corpo. In: MITTMANN, Solange; SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. (Orgs.) *Trilhas de investigação: A pesquisa no I. L. em sua diversidade constitutiva*. Porto Alegre: Instituto de Letras / UFRGS, 2011.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Tradução de Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004. Tradução de Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello.

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução de Maria Fausta P. de Castro. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. Tradução de Maria Fausta Pereira de Castro.

ORLANDI, Eni. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualizações e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas: Unicamp, 1997. p.162-252. Tradução de: *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*, 1975.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Orlandi. 4.ed. Campinas: Pontes, 2006. Tradução de Eni Orlandi.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SOLER, Colette. O “corpo falante”. *Caderno de Stylus*, n. 1, maio de 2010. Tradução de Cícero Oliveira e Elisabeth Saporiti. Tradução de *Le corps parlant*, 2010.

VINHAS, Luciana Iost. *Discurso, corpo e linguagem: Processos de subjetivação no cárcere feminino*. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2014.